

A MUSICALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE AUXÍLIO PARA O LETRAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Caroline Carvalho Silva¹

Monique Evelin Lobato da Silva²

A alfabetização quando ocorre em sua totalidade tem como consequência o desenvolvimento integral e saudável do infante, em destaque, do aluno autista que sob a ótica de Barreto (2021), a criança com TEA necessita de estímulo contínuo para que se concentre e desempenhe no processo de aprendizagem a função de protagonista. Este artigo objetiva propor a música como instrumento que contribua para o processo de letramento, pois com base em estudos anteriores, percebe-se que a intervenção da música precocemente trás benefícios tanto para o conhecimento musical, quanto para o reconhecimento dos sons, auxiliando a criança autista na leitura e escrita. A metodologia operada foi a pesquisa bibliográfica onde foram reunidos estudos acerca da educação infantil para autistas, musicalização no processo de alfabetização, e o benefício da correlação entre esses dois meios para a tese apresentada. O suporte teórico utilizado para construção deste estudo foi: Lucian Costa, Mayra Barreto, Nielly da Silva e Dorita Berger. O resultado esperado, é que a aplicação da música em classe construa um ambiente prazeroso e não ameaçador para a criança autista, onde esse indivíduo possa sentir segurança no ato de aprendizagem e letramento.

Palavras-chave: Palavra-chave: Autismo, Educação infantil, Letramento, Musicalização.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autistas é um distúrbio neuro divergente que é caracterizado por ações atípicas e repetitivas no comportamento social, comunicativo e até mesmo na linguagem escrita e verbal. À vista disso, o letramento da criança autista, quando ocorre integralmente, produz a inserção desse indivíduo no âmbito escolar e a identificação de suas individualidades, proporcionando ao futuro adulto maiores oportunidades de incorporação no meio social. Em paralelo, é fato que a educação básica no Brasil, apresenta uma dificuldade árdua para estabelecer um vínculo entre o aluno autista e a leitura, seja pelas limitações inerentes ao TEA, falta de capacitação do docente ou ausência de estrutura na instituição.

Deve-se pontuar, em primeiro plano, que a inclusão da criança com TEA, não ocorre instantaneamente no ato de sua matrícula em um sistema de ensino. É nesse contexto, que o professor deve colecionar todo conhecimento com relação às especificidades desse aluno. Segundo o intelectual Berger (2002), que objetivando o enriquecimento das metodologias

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Pará - UEPA, caroline.csilva@aluno.uepa.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Pará - UEPA, monique.eldsilva@aluno.uepa.br;

aplicadas em classe, explica que o fator emocional do estudante, em destaque com autismo, deve ser priorizado. Para além disso, construir uma rotina adequada com esse aluno, e segui-la impreterivelmente, diminui a possibilidade de frustração da criança, favorecendo sua segurança no ato da aprendizagem.

No entanto, não é uma tarefa simples o processo de letramento, pois se trata do domínio de duas habilidades, a leitura e a escrita, em produto de uma cultura e normas sociais, ou seja, não é somente a união de fonemas, mas sim a reflexão da escrita em si. É válido ressaltar, que o método tradicional de ensino aplicado nas escolas brasileiras, atualmente, é falho. De acordo com Barreto (2021), o educador é tido como o cerne do saber, e cabe a ele repassar o conteúdo aos alunos, por explicações expositivas em aulas monótonas e “decoreba”. É por essa ótica, que o autor explica a necessidade da criança com TEA, de adquirir conhecimento mediante uma abordagem mais empática, interacionista e humanizada. Nesse sentido, a metodologia Musicalização emerge como um instrumento de auxílio para o letramento de crianças autistas.

Em sequência, observa-se que, desde a antiguidade, a música tem ocupado um papel fundamental no ato de se expressar e que, ao longo do tempo foi tomando diferentes espaços, sendo regularizada no âmbito escolar somente em 2008 pela lei n.11.769/2008. À vista disso, a musicalidade se tornou uma ferramenta valiosa para a aprendizagem educacional, favorecendo a desconstrução do processo de alfabetização mecanizado e desatualizado. Em seu artigo, Costa e Silva (2021), discutem que a alfabetização, antigamente, era de viés exclusivamente mecânico e descontextualizado. Contudo, atualmente, o ensino já engloba práticas que consideram o contexto social em que o infante está introduzido. De modo, que a atenção está voltada, não somente para o desenvolvimento das aptidões Leitura e Escrita, mas que também evolua seu aspecto cognitivo, afetivo, social e cultural. Os autores enfatizam que a musicalização serve de guia para o desenvolvimento acadêmico do infante.

“[...] ferramentas lúdicas mais fundamentais no processo de ensino aprendizagem, pois ajuda no desenvolvimento da expressão emocional, na capacidade de concentração e memorização, auxilia no processo de alfabetização e ainda estimula áreas do Cérebro não desenvolvidas por outras linguagens”. (Costa; Silva, 2021, pg. 1).

Citado isso, o presente artigo tem o objetivo de dissertar a respeito dos benefícios adquiridos com o trabalho da música em classe, com foco no letramento de crianças autistas. Assim que, o educador entende a necessidade de construir uma base sólida de conhecimentos

sobre o autismo, o mesmo está ciente dos múltiplos níveis de suporte que, eventualmente, terá que trabalhar. Alunos com TEA, especialmente, os não verbais, apresentam dificuldade ao se expressar. Por consequência, esse aluno se torna mais hostil e fechado, dificultando a aproximação com o docente, que mais tarde resultará para esse indivíduo, em um sério déficit no seu desenvolvimento.

É imprescindível, a compreensão de que a música é uma ferramenta que auxilia o processo de letramento de autistas, cujo uma pesquisa realizada por Berger (2002), exemplifica sua ação positiva no sistema nervoso central. A musicoterapia oferece uma oportunidade de induzir motivações, pois através da descarga de dopamina produzida e sintetizada pelo cérebro e células, respectivamente, o indivíduo tende a se acalmar, possibilitando maior contingência de foco para execução de tarefas cotidianas, com enfoque no letramento. Os resultados demonstram que, a educação musical precoce traz diversas vantagens para a alfabetização, uma vez, que a parte do cérebro responsável pela linguagem e raciocínio lógico esteja recebendo informação, a criança tem maior perspectiva de concentração, isto é, a capacidade de reter informações obtidas pelo estímulo dos cinco sentidos.

Entretanto, é válido ressaltar, que diversas crianças apresentam uma disfunção ao captar determinado som, ocasionando em uma sobrecarga de informações auditivas que podem resultar em reações exageradas e negativas. Como foi identificado por Berger (2002), em uma sessão de musicoterapia alguns de seus pacientes manifestaram irritabilidade ao escutar determinados sons, como o do instrumento piano. Embasado nisso, é evidente que ao utilizar a musicalização com crianças com TEA, o planejamento didático é peça chave, pois é necessário ter o uso da previsibilidade para gerar um ambiente não aversivo, mas sim prazeroso para esse público.

No entanto, o escritor Barreto (2021), relata a falta de capacitação do profissional do magistério e o estímulo indireto que o professor conservador manifesta para a passividade do discente. É nesse contexto, que o educador demanda, urgentemente, exercer sua responsabilidade de construir um ambiente saudável e seguro para o estudante, envolvendo a tríade escola, aluno e família. A capacitação é o caminho mais sensato, visto que muitos profissionais adquirem experiência com os anos, no entanto, nenhum ser humano deveria servir de cobaia para o aperfeiçoamento de outro.

“Desse modo, o trabalho de alfabetização com as crianças com (TEA) exigirá do professor alfabetizador novas técnicas de ensino e aprendizagem, bem como uma



percepção de colocar o aluno como centro do ensino e como ser capaz de aprender a ler e escrever. O educador deverá buscar conhecimentos, estratégias e recursos diferenciados para tornar sua prática pedagógica mais inclusiva e ativa, pois, a alfabetização de crianças autista é uma forma de torná-la a ser autônoma e participação na vida social.” (BARRETO, 2021, PAG 47).

Em síntese, é fiável assumir que a música é fonte de fomento ímpar para o desenvolvimento da criança autista. Contribuindo para a evolução da psicomotricidade, integração mais ativa na socialização, sensibilidade sensorial e estímulo da razão, comunicação mais dinâmica, controle corporal, estímulo da concentração e a memória, além da função esperada, em fornecer ludicidade e diversão ao infante. Desse modo, entender que antes mesmo da iniciação escolar, a criança com TEA já tenha contato com a musicalização em sua rotina familiar, em fase escolar, esse vínculo necessita ser estreitado. Pois a segurança emocional que o infante dispõe, em algo habitual, pode servir de ponte para o entendimento e pronúncia de fonemas e seus significados, refinando o vocabulário pré-existente e acrescentando conjuntos de palavras inéditas.

Diante do exposto, é válido ressaltar que o presente artigo visa contribuir para o espaço de estudo sobre a musicalização para o beneficiamento do letramento para a comunidade infantil do Transtorno do Espectro Autista, pois é direito assegurado pela constituição e lei Berenice, a concessão a uma política nacional que os represente e respeite suas especificidades, com destaque, no âmbito educacional. Por essa ótica, essa produção textual foi planejada para demonstrar a musicalização como um instrumento que ultrapasse seu entendimento unicamente recreativo, podendo ser trabalhada de diversos modos e perspectivas, visando o aperfeiçoamento em práticas sociais do indivíduo com TEA.

METODOLOGIA

Com o intuito de obter os objetivos desejados para o artigo em questão, foi realizada uma pesquisa quantitativa, para a absorção e sintetização de informações e fenômenos que sucedem a temática proposta. De modo em que foram investigadas diferentes visões e contextos literários, utilizadas como palavras-chaves o Autismo, Educação infantil, Letramento e Musicalização. Dessa maneira, foram coletados dados bibliográficos de livros e artigos científicos sobre a abordagem, com o fito de alcançar uma análise mais aprofundada sobre o tema. Para a fundamentação do estudo, utilizou-se Barreto (2021), especialista em letramento

de autistas, acompanhado de Costa e Silva (2021), doutores que empregam a musicalização como auxílio para a aprendizagem significativa, e por fim, Berger (2002), que tem seus estudos pautado em duas áreas centrais: a musicalização e o autismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O esforço para combater o déficit na educação brasileira não tem sido suficiente quando se pensa em camadas marginalizadas na sociedade. A educação acadêmica no Brasil, é ponto fora da curva desde sua gênese. Quando o ensino acadêmico chegou ao país, era segregado a uma parcela mínima da população, que com o tempo se expandiu não somente ao ensino superior, como também à educação primária, mesmo que costumeiramente, destinado a homens e meninos. Foi fruto de revoluções estrangeiras e contato com diversas culturas no Brasil colonial, que a educação passou a ser mais ampla. Com exceção, das pessoas com deficiência, que segundo Barreto (2021), enfrentaram mais empecilhos que o esperado.

“O Brasil incorporou atenção às pessoas com deficiência mental somente na primeira metade do século XX. A partir da década de 1970, começou então uma preocupação do acesso a pessoas com deficiência nas escolas, através da educação especial. É importante percebermos que nesse período as pessoas recebiam um atendimento de caráter educacional, mas o ensino não tinha caráter inclusivo, ou seja, eram um sistema especializado que ocorria separado ao ensino regular.” (BARRETO, 2021, PAG. 48).

Por consequência, o cenário que estava sendo montado para a implementação integral desse público ao sistema de ensino educacional, ainda estava longe de ser considerado bem-sucedido. Foi somente em 1988, pela sétima constituição promulgada, que pessoas com deficiência física ou mental foram incluídas de maneira humanizada e com requintes de democracia em um documento oficial do governo. No entanto, como toda problemática estrutural do país, os direitos assegurados a pessoas PcD, na prática não eram validados pela sociedade, reduzindo-se unicamente a palavras em um pedaço de papel. Foram necessárias mais algumas décadas para regulamentação de uma diretriz que pudesse atender às necessidades do educando com deficiência, pela lei 9394/96. Em conjunto, outras ações foram tomadas, como exemplifica Barreto (2021), ao relatar que em 2011 as salas multifuncionais se tornaram uma feliz realidade nas escolas públicas, onde um profissional específico -o psicopedagogo-, pode trabalhar com a criança, atividades especializadas.



“Na sala de recursos o professor desenvolve os processos cognitivos e a psicomotricidade dos alunos, além de estimular a autoestima do educando para que este tenha sucesso na sala regular de ensino. As atividades elaboradas na (SRM) envolve jogos, atividades lúdicas que desenvolvam a concentração dos alunos e o seu raciocínio.” (BARRETO, 2021, PAG 8).

Ademais, é criticado por Berger (2002), o fato de que a sociedade espera o mesmo comportamento de pessoas típicas e atípicas, de modo que para ele a definição mais precisa é de que existam pessoas diagnosticadas ou não, cabendo ao professor saber lidar com esse aluno independente de sua condição biológica.

Destarte, é posto por Costa e Silva (2021), que a música possibilita uma troca de conhecimento entre aluno e professor, uma vez que a criança encontra na música conforto, facilitando o trabalho do docente para apresentar grafemas e fonemas, que no início da alfabetização e letramento podem ser abstratos para o entendimento da mesma. Outra alternativa é o vasto panorama que o professor dispõe, sejam eles em ritmos, instrumentos e modalidades. Muito se pode aprender através da musicalização, e é pensando em um ensino mais eficaz para crianças autistas, que os intelectuais reiteram.

“Tendo em vista que o Brasil é um país onde há um grande número de analfabetos, essa pesquisa também, tenta de forma clara e com uma linguagem de fácil compreensão a todos os públicos, levar informações a um maior número de pessoas, como futuros acadêmicos, dentro e fora da área da educação, a pais e responsáveis, entre outros, que procurarem um conhecimento maior acerca de como a música, se usada como ferramenta em sala de aula para o ensino, é capaz de contribuir no desenvolvimento da criança nos campos da linguagem, visando sua articulação no processo de alfabetização, que está entrelaçado diretamente ao letramento nas séries iniciais do ensino infantil.” (Costa; Silva, 2021, PAG 4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi desenvolver um estudo bibliográfico, que relata o rendimento benéfico que a musicalização oferta para o aluno do Transtorno do Espectro Autista, no processo de letramento. No entanto, foi passível de destaque a morosidade com o qual o avanço em práticas pedagógicas está submetido, principalmente, para pessoas com deficiência. É preciso também, traçar uma linha de raciocínio para a compreensão de que a qualificação

profissionalizante do educador, ainda é um espaço nebuloso para a educação. Pois, apesar do Estado reconhecer a importância da capacitação dos docentes, e políticas públicas que promovam a melhoria nessa área já estarem sendo domadas, ainda existe um caminho longo a se percorrer para que esse processo de profissionalização seja continuado.

Dessa maneira, torna-se evidente a necessidade de se somar ao currículo acadêmico de licenciatura plena em pedagogia, nas universidades privadas e públicas do país, a Educação Musical, como possibilidade de interação mais ativa de metodologias musicais no processo de aprendizagem do futuro professor(a). De modo, que no ensino superior, o contato direto com dinâmicas pragmáticas, o pedagogo em formação possa deliberar sobre como atuar em sala efetivamente. Neste contexto, é interessante sinalar os resultados satisfatórios que essa metodologia proporcionou para a aprendizagem, principalmente para os alunos com TEA, resultado da pesquisa e análise de campo apresentadas no artigo de Costa e Silva (2021).

Para sintetizar, notou-se que musicalização auxilia nos comportamentos inadequados do discente de Transtorno do Espectro Autista, uma vez que as ondas sonoras gerarem um bem está nos alunos, contribuindo para o controle sócio emocional do estudante, pois o ambiente torna-se não aversivo, segundo Berger (2002). Contudo é importante ressaltar, que alguns sons podem gerar uma sobrecarga de informações, e por esse motivo, é essencial que o professor conheça as especificidades de cada estudante. Por fim, esse artigo pretende contribuir para conhecimento do docente interessado em adquirir novos saberes que contribuam no ensino-aprendizagem do discente com Transtorno do Espectro Autista.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha mãe Maristela e meu pai José Marcos, pelo apoio e incentivo incondicional, desde o início da minha jornada acadêmica. (Caroline Silva)

Em homenagem ao homem mais especial na minha vida, Durval Lobato, meu avô e pai de verdade. (Monique Lobato)

REFERÊNCIA

BARRETO, MAYARA. Alfabetização e Letramento de alunos com



transtorno do espectro do autismo (TEA). Revista Amor Mundi 2 (4), 45-56, 2021. Disponível em: <<https://journal.editorametrics.com.br/index.php/amormundi/article/view/98/69>>. Acesso: 9 de junho de 2023.

BERGER, D. (2002). Music Therapy, Sensory Integration and the Autistic Child. London: Jessica Kingsley. Acesso: 9 de junho de 2023.

COSTA, Lucian; SILVA, Nielly. O Processo de alfabetização e letramento por intermédio da música na educação infantil. Revista Comunicação Universitária 1 (4), 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/comum/article/download/4761/2768>>. Acesso: 9 de junho de 2023.